
CONSTRUINDO UMA ANÁLISE SEMIÓTICA EM DESCONSTRUINDO AMÉLIA

Clériston Jesus da Cruz (UNEB)*
Denise Silva Bitencourt (UNEB)**
Camila Leite Oliver Carneiro (UNEB)***

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a letra da música *Desconstruindo Amélia* composta por Pitty e Martin Mendonça, a partir da semiótica greimasiana, que caracteriza o exercício de construção de sentido em um percurso gerativo, o qual se compõe em três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. A letra, apesar de ser uma narrativa curta, é dotada de discursos que oportunizam a leitura de valores referentes à mulher, que busca libertar-se de uma sociedade originalmente repressiva.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica Greimasiana. Percurso Gerativo. Mulher. Sociedade

* Clériston Jesus da Cruz: (clériston.cruz@hotmail.com)

** Denise Silva Bitencourt: (denisecaimbe@gmail.com)

*** Camila Leite Oliver Carneiro: (oliver.camila@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Ao considerar o percurso histórico da figura feminina que por anos foi estigmatizada como “sexo frágil”, este artigo ergue-se no intuito de despertar a busca identitária da mulher, desconstruindo assim, os estereótipos sociais. Segundo Hall (2006, p. 12-13) a identidade

[é] definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente.

Nesse processo, verifica-se a repressão do eu feminino, as oposições e discursos de valor da mulher presentes na sociedade, procurando reconhecer e revelar a voz ativa da mulher contemporânea.

Para isso, é analisada a letra da canção *Desconstruindo Amélia* sob a perspectiva da Semiótica Greimasiana, partindo de sua definição de semiótica narrativa e estrutural, priorizando a sua correspondência entre elementos e relações de oposição, bem como, a influência do feminino na composição da letra da canção.

Assim, o artigo justifica-se por tratar de um assunto de extrema importância para a sociedade emergente, pois a letra da canção transforma a imagem da mulher idealizada em meados dos anos 40, buscando contrapor os valores paternalistas e desvelando, por conseguinte, uma mulher guerreira, determinada, indomada, sensível e amável. Assim, Telles (2009, p. 671) salienta que:

[a] mulher escondida. Guardada. Principalmente invisível, a se esgueirar na sombra. Reprimida e ainda assim sob suspeita. Penso hoje que foi devido a esse clima de reclusão que a mulher foi desenvolvendo e de forma extraordinária esse seu sentido da percepção, da intuição, a mulher mais perceptiva do que o homem. Mais fantasiosa? Sim, embora mais secreta.

A letra da canção *Desconstruindo Amélia* é interpretada pela cantora baiana Priscilla Novaes Leone (Pitty), composta em comunhão com Martin Mendonça em 2009 e lançada no álbum *Chiaroscuro*. *Chiaroscuro* é um termo italiano que define uma técnica de pintura de Leonardo da Vinci, em que, o

pintor usava o claro e o escuro para dar contraste às suas obras, desse modo, a cantora utilizou-se do referido vocábulo para enfatizar as oposições melódicas e de significação que compunham as diversas músicas do CD, ora sendo mais leves e sensitivas e *posterius*, dotada da força do Rock and Roll.

Em *Desconstruindo Amélia*, faixa 7 do CD supracitado, os compositores buscam desvelar o papel de uma mulher atuante na sociedade contemporânea; papel este que ainda se encontra embebido nos valores patriarcais fortemente vistos nos anos 40, no qual, o estereótipo da mulher perfeita era a que se resignava veementemente ao lar. Em contrapartida, Pitty apresenta uma “nova” Amélia - diferente da Amélia apresentada na canção composta por Ataúfo Alves e Mário Lago - que mesmo presa às amarras sociais, procura colocar-se como sujeito gerador de sua identidade. Dessa maneira, Telles (2009, p. 671) afirma que “[...] antes, a mulher era explicada pelo homem, disse a jovem personagem do meu romance *As meninas*. Agora é a própria mulher que se desembrulha e se explica”.

Em termos metodológicos de análise da canção, efetuam-se os tipos: *seletivo*, em consequência de se escolher a composição feminina *Desconstruindo Amélia* em meio às outras canções do álbum *Chiaroscuro*; *crítico*, em função da apresentação de ideias e discussões sobre o feminismo, a repressão social e a caça identitária; *reflexivo*, com a proposta de despertar o interesse e suscitar discussões acerca do mundo silencioso da mulher; *descritivo*, por expor o contexto contemporâneo em que está embebido o ser feminino; e *analítico*, em virtude de explorar a obra no âmbito semiótico, com ênfase no pensamento Greimasiano. Segundo Oliver (2013, p. 25):

Cabe ainda observar, no que se refere ao método, que a Semiótica Greimasiana interessa-se pelo texto como um todo e aceita o fato de o texto não ser a simples soma de frases, quebrando tanto as barreiras que impedem a passagem da frase ao discurso, quanto as que separam a língua da fala, ou seja, dos fatores sócio-históricos que a envolvem.

Diante do que já foi explicitado, a escolha de se fazer uma análise semiótica Greimasiana da letra da canção, deve-se ao fato da teoria possuir uma metodologia organizada, sistematizada, objetiva e, ao mesmo tempo subjetiva, para descrever e demonstrar a figura feminina, explorando o seu universo de composições (valores, ideologias, sentimentos, inspirações e aspirações). Nesse sentido, vale destacar o termo ideologia, que segundo Greimas e Courtés (1979, p. 225)

[...] afirmar que uma ideologia, dependendo do nível das estruturas semióticas de superfície, pode definir-se como uma estrutura actancial que atualiza os valores que ela seleciona no interior dos sistemas axiológicos (de ordem virtual).

[...] Em outros termos, a ideologia é uma busca permanente dos valores, e a estrutura actancial que a informa deve ser considerada como recorrente em todo discurso ideológico.

Para tal efeito, são problematizadas questões acerca de como se desenvolve, na letra da canção *Desconstruindo Amélia*, o percurso gerativo de sentido em seus três níveis: fundamental, narrativo e discursivo, examinando, na estrutura presente, quais oposições semânticas podem ser constatadas e como os temas e as figuras relacionados à questão de gênero auxiliarão na leitura do eu-feminino.

Como objetivos específicos, pretende-se expor sinteticamente o conceito de Semiótica Narrativa de Greimas em conjunto com a letra da canção interpretada pela cantora baiana Pitty; identificar a categoria de oposição presente no texto, vinculado primordialmente ao nível fundamental, caracterizando o componente sintático e semântico; analisar a letra da canção em seu nível narrativo e levantar os temas, as figuras e observar as categorias de tempo e espaço em seu nível discursivo, vinculado principalmente à leitura do gênero feminino.

Em função da análise, tomaremos como base os estudos de Oliver (2013), Fiorin (2006) e Barros (2005), os quais se fundamentam na teoria greimasiana e que, por conseguinte, permitirão, juntamente com Priore (2009) e Beauvoir (1970), observar a repressão social sobre o eu-feminino.

A Semiótica, segundo Oliver (2013, p.92), é a teoria que se (pré)ocupa do texto, procurando perquirir os procedimentos da organização textual e concomitantemente, os mecanismos enunciativos de criação e recebimento do texto, tentando explicar seus sentidos diversos. Dessa maneira, os estudos semióticos greimasianos se ocupam em analisar o texto por completo, pois, considera-se que o texto não é somente um amontoado de frases suscetíveis.

A ideia base é interpretar o universo em que a mulher pittiana está inserida e estabelecer relações analíticas, de modo a compreender o contexto feminista vigente. Destarte, todos os estudiosos citados ajudaram, também, na busca da identidade desse sujeito, cujas, oposições semânticas são transformadas em valores e assimiladas inconscientemente, circundando em consequência no meio vivente do sujeito.

2. O SIMPLES E O ABSTRATO EM AMÉLIA: NÍVEL FUNDAMENTAL

O nível fundamental caracteriza-se por ser a categoria que se configura de elementos simples e abstratos. Nessa etapa, a significação baseia-se em uma em uma diferença, em uma oposição semântica. A vista disso, Oliver (2013, p.103) salienta que,

[n]o nível das estruturas fundamentais, os sentidos do texto são interpretados como um antagonismo semântico e seus termos são afirmados ou negados, determinados pelas relações sensoriais do ser vivo com os conteúdos, e considerados atraentes ou eufóricos e repulsivos ou disfóricos.

No nível fundamental, assim como nos outros dois níveis - narrativo e discursivo - do percurso gerativo, ambos expõem um componente semântico e um componente sintático, no qual unem-se para uma complementariedade de sentido no texto, constituindo o nível da gramática sêmio-narrativa e representando a instância inicial do percurso gerativo.

Já é tarde, tudo está certo
Cada coisa posta em seu lugar
Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada
Ela foi educada pra cuidar e servir
De costume, esquecia-se dela
Sempre a última a sair

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado
E não entende porque
Tem talento de equilibrista
Ela é muita, se você quer saber

Hoje aos 30 é melhor que aos 18
Nem Balzac poderia prever
Depois do lar, do trabalho e dos filhos
Ainda vai pra night ferver

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também (PITTY, 2009).

Em *Desconstruindo Amélia*, a categoria semântica fundamental é a repressão social versus liberdade social. O termo repressão social recebe a qualificação semântica disfórica, enquanto, o termo liberdade social é eufórico. Assim, a ideia de repressão social que envolve a mulher presente na letra da canção é repulsiva ao passo que a liberdade social é atraente. O percurso que segue reflete as operações de negação e afirmação no texto:

<i>Afirmção</i>	<i>negação</i>	<i>afirmação</i>
Repressão social	não-repressão social	liberdade social
<i>Disforia</i>	<i>não-disforia</i>	<i>euforia</i>

A não-disforia, isto é, a negação da disforia se apresenta em: “E eis que de repente ela resolve então mudar”. Logo, *Desconstruindo Amélia* tem como conteúdo basilar a negação da repressão social, considerada como repulsiva, e a afirmação da liberdade social eufórica, ou seja, atraente, o que faz desse um texto euforizante.

Na canção, percebe-se as oposições, que podem ser esquematizadas em quadro semântico. O quadro Semântico tem como finalidade tratar de maneira geral como são articuladas as etapas do percurso gerativo de sentido e assim, perceber como a semiótica é utilizada para a leitura de textos. Dessarte, Oliver (2013, p. 97) acredita que “no nível das estruturas fundamentais, é necessário determinar a oposição ou oposições semânticas a partir das quais se constrói o sentido do texto”.

Repressão Social	Liberdade Social
“Cada coisa posta em seu lugar Filho dorme ela arruma o uniforme Tudo pronto pra quando despertar”	“E eis que de repente ela resolve então Mudar”
“O ensejo a fez tão prendada Ela foi educada pra cuidar e servir”	“Vira a mesa Assume o jogo Faz questão de se cuidar”
De costume esquecia-se dela Sempre a última a sair...”	“Nem serva, nem objeto Já não quer ser o outro Hoje ela é um também”
“Disfarça e segue em frente Todo dia até cansar”	“Tem talento de equilibrista Ela é muita se você quer saber”
“A despeito de tanto mestrado Ganha menos que o namorado E não entende porque”	“Hoje aos 30 é melhor que aos 18 Nem Balzac poderia prever”

“Depois do lar, do trabalho e dos filhos”	“Ainda vai pra night ferver”
---	------------------------------

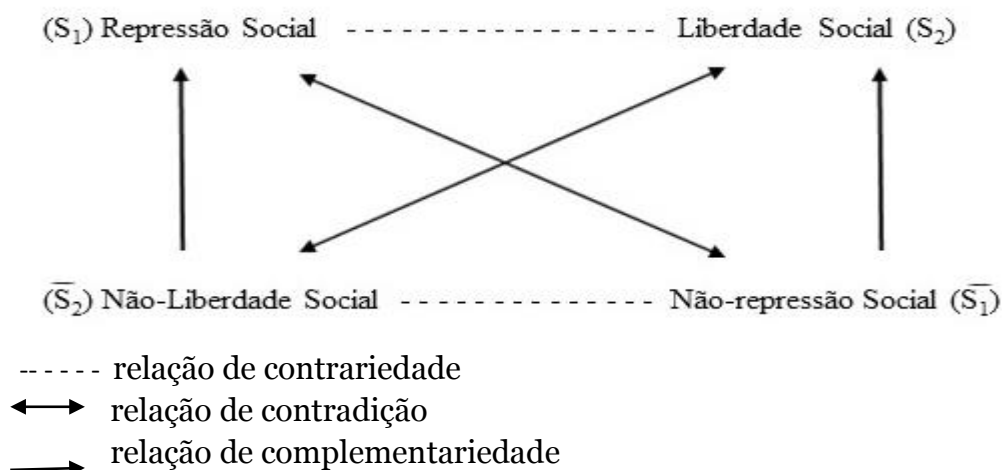
Desta maneira, a repressão social mediante aos preceitos da sociedade representa para o sujeito feminino, contemplado na música, uma inibição de sua verdadeira natureza, seus sentimentos reais e potenciais, no qual provoca, assim, a repressão da sua própria natureza para encaixar-se nos moldes (valores) impostos pela sociedade, moldes estes configurados pela moral capitalista.

Em oposição a esta repressão, o texto apresenta a liberdade social, que vem embebida de expressões que demonstram o forte desejo da mulher de soltar-se das amarras perpetuadas no social. Versa-se de uma liberdade que busca transpor e dizimar os temores psicológicos interiorizados, buscando igualdade, autonomia, respeito e reconhecimento de sua atuação valorosa, sem a prevalência interiorana dos sentimentos de culpas e ressentimentos.

Comungando da oposição de repressão social *versus* liberdade social, tem-se também a ideia opositiva de opressão social *versus* autonomia social. Portanto, o texto concebe-se como a oposição entre aquelas que buscam sair da opressão do lar e romper o pensamento machista de que o homem deve colocar o dinheiro em casa e a mulher permanecer a cuidar do lar e dos filhos; e a autonomia de poder superar as barreiras existencialistas no corpo social e no (in)consciente feminino, gerando uma identidade autêntica.

Partindo para o componente sintático do nível fundamental, observa-se o caráter taxinômico e operatório (racional). Em que, há uma correlação entre dois termos e que, ao se negar um destes termos, provoca o surgimento de um novo termo.

Desse modo, representa-se o quadrado semiótico - que organiza e comporta termos interdefinidos - do seguinte estado:



O quadro Semiótico exposto tem como propósito analisar a relação de contrariedade entre a repressão social e a liberdade social, que estabelece uma ideia de complementariedade, pois, a negação do termo primitivo gera o

surgimento de outro termo (S1, S2) estabelecendo uma relação de contradição entre (S1, S2. S1⁻, S2⁻) e, para que essa relação venha a ocorrer, ambos devem pertencer ao mesmo eixo semântico.

A negação do termo repressão social (S1), faz com que surja a aplicação da não repressão-social (S1⁻), ou seja, uma inquietação na vida monótona da dona de casa, levando-a a mudar seus hábitos rotineiros e a aderir novos papéis de atuação. Posteriormente, há um alcance parcial do objetivo libertário (S2), no qual, mesmo destinada aos afazeres domésticos – não-liberdade social (S2⁻) – a mulher procura-se cuidar.

3. TRANSFORMANDO AMÉLIA EM UM¹: NÍVEL NARRATIVO

O nível narrativo compreende-se por ser a segunda etapa da corrente teórica Greimasiana. As oposições semânticas expressas no nível fundamental são transformadas em valores assumidos por um sujeito, que tem o seu fazer influenciado por outros sujeitos. Transforma-se os valores virtuais, ou seja, aqueles que até então não foram acolhidos pelo sujeito, em elegidos e requalificados. A requalificação acontece quando os valores são inseridos nos objetos que, por conseguinte, assumem a denotação de objetos-valor que, concatenados aos sujeitos vão também transmutar-se em valores ideológicos. Isto posto, o nível se baseia pela simulação da relação fulcral do homem com o mundo.

Na concepção Greimasiana, a função do enunciado elementar configura-se pela transitividade entre dois actantes. Com tal característica, Barros (2005, p. 20-21) justifica que

O enunciado elementar da sintaxe narrativa caracteriza-se pela relação de transitividade entre dois actantes, o sujeito e o objeto. A relação define os actantes; a relação transitiva entre sujeito e objeto dá-lhes existência, ou seja, o sujeito é o actante que se relaciona transitivamente com o objeto, o objeto aquele que mantém laços com o sujeito. Há duas diferentes relações ou funções transitivas, a junção e a transformação e, portanto, duas formas de enunciado elementar, que, no texto, estabelecem a distinção entre estado e transformação:

Enunciado de estado: F junção (S,O)
 Enunciado de fazer: F transformação (S,O)
 F = função S = sujeito O = objeto

Em *Desconstruindo Amélia* os elementos de oposição instituídos na primeira fase fundamental são repressão social (disforia) *versus* liberdade social (euforia). Na letra da canção, a mulher vê-se acuada em meio ao ambiente patriarcal, no qual se sujeitava a todas as circunstâncias exigidas pela sociedade

1[...] Por que as mulheres não contestam a soberania do macho? Nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como inessencial; não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; êle (sic) é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. (BEAUVOIR, 1970, p. 12).

negando a sua identidade e, conseqüentemente, a sua subjetividade. Dessa forma, o sujeito sociedade investe esse valor de repressão na relação dessa mulher enquanto objeto, ou seja, mulher serve, “mulher-objeto”.

Em estado inicial, a sociedade é o sujeito do fazer no que se refere à repressão e a mulher encontra-se como sujeito de estado. Porém, ao desenrolar do enredo o sujeito reprimido rompe o contrato com a sociedade, procurando se fazer a partir do encontro com a sua identidade. Portanto, o objeto no qual o sujeito mulher investe o valor liberdade social é a identidade. Essa identidade feminina é definida historicamente e não biologicamente, ou seja, não é porque nasce-se com o corpo de fêmea que se crê ser mulher, mas porque o indivíduo entende-se como mulher (BEAUVOIR, 1980).

O enunciado elementar apresenta também a função de Junção que segundo Barros (2005, p. 22) “é a relação que determina o estado, a situação do sujeito em relação a um objeto qualquer”. A Junção classifica-se em dois tipos de relação: conjunção e disjunção. Assim, Oliver (2013) define **conjunção** como a relação de posse do objeto-valor por parte do sujeito, e **disjunção** como a relação de não posse do objeto valor por parte do sujeito, no entanto, isto não significa uma não relação do sujeito com o objeto. Mas, em uma relação de apartação do sujeito com o objeto que se constitui em **não-conjunção**, isto é, pressuposição de que o objeto já foi possuído em algum momento. Já a **não-disjunção** pressupõe que o sujeito está em posse do objeto que, anteriormente estava apartado.

Na letra da canção, o sujeito mulher inicia-se em um estado disjuntivo em relação ao objeto desejado. Em vista disso, a sociedade é o sujeito da ação, e age por sobre o sujeito mulher colocando-a sempre em disjunção com seu objeto-valor que é a sua identidade. A sociedade patriarcal anula a mulher, fazendo-a esquecer-se de si e logo permanecê-la refletida na vida do homem, negando e perdendo seus desejos e fulgores. O sujeito mulher entra em conjunção com o objeto desejado quando ela se reconhece e entende que pode ter o mesmo papel que o homem na sociedade. Ademais, quando age por sobre ela mesma, revolta-se e, percebe que não precisa se aplicar aos moldes falocêntricos. Assim, ela torna-se o sujeito do fazer e do estado, sendo agente de sua própria construção.

Dessa forma, os valores de repressão social e liberdade social estão investidos nos objetos: “mulher-objeto” e identidade. Tem-se então:

- Enunciado de estado: F junção (S,O)

“O ensejo a fez tão prendada/ ela foi educada pra cuidar e servir/ de costume esquecia-se dela”

S (mulher) U O (identidade) => o sujeito mulher estava em disjunção com o objeto identidade.

- Enunciado de transformação: F transformação (S,O)

“E eis que de repente ela resolve então mudar/ vira a mesa/ assume o jogo”

- Enunciado de estado: F junção (S,O)

“Nem serva/ nem objeto/ já não quer ser o outro/ hoje ela é um também”

S (mulher) \cap O (identidade) => o sujeito mulher entra em conjunção com o objeto identidade.

A ideia do *Outro* empostada na letra da canção reverbera um sujeito que só se liberta quando se entende como um ser social, passando a refletir também, sobre a sua identidade e comportamento em meio ao seio familiar, porquanto, só o masculino era considerado o Sujeito imperioso, como alude Beauvoir (1970, p. 10) que “a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. ”

No nível narrativo, analisa-se a fase da manipulação que, segundo Fiorin (2006, p. 29), é quando “um sujeito age sobre outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa.”, observada na comodidade social presente na figura feminina. Deste jeito, na narrativa *Desconstruindo Amélia*, vê-se inicialmente a manipulação da intimidação que Fiorin (2006, p. 30) define “quando o manipulador o obriga a fazer por meio de ameaças...”. Desse modo, na letra da canção a sociedade obriga o sujeito mulher (Amélia) a agir conforme os padrões morais estabelecidos (O ensejo a fez tão prendada/ ela foi educada para cuidar e servir/ de costume esquecia-se dela/ sempre a última a sair...) fazendo-a entender que se não agisse de acordo com o modelo de mulher do lar, poderia vir a ser rejeitada pela família e sociedade.

A segunda manipulação consagra-se também pela provocação, que Fiorin (2006, p. 30) destaca que é quando o manipulador “impele a ação, exprimindo um juízo negativo a respeito da competência do manipulado...”. Deste modo, a sociedade patriarcal conjectura a ideia de que a mulher é sempre o sexo frágil e que mesmo desempenhando com qualidade as funções, antes vinculadas tão somente ao masculino, esta classe em questões salariais jamais se igualará ao homem, assim, Amélia mesmo sem entender o porquê de tanta desigualdade, luta na tentativa de fincar-se no patamar de respeito e de igualdade social que,

historicamente foi destinado ao macho (A despeito de tanto mestrado/ ganha menos que o namorado/ e não entende o porquê).

No nível narrativo, observa-se ainda a competência que Fiorin (2006, p. 30) elucida como “o sujeito que vai realizar a transformação central da narrativa é dotado de um saber e/ou poder fazer. ”. Na letra da canção, a competência surge quando a mulher tem o desejo de mudar a suas atitudes e conseqüentemente, sua praxe e procura assumir-se enquanto o *Um*, sujeito que entende e vive sua identidade “e eis que de repente ela resolve então mudar”.

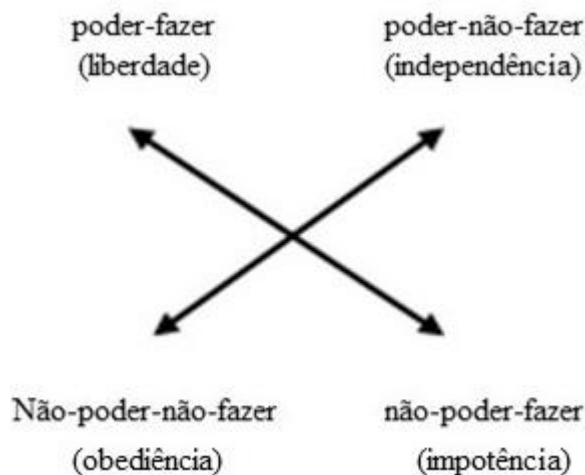
Na performance, outra fase do nível narrativo, é o momento “que se dá a transformação (mudança de um estado a outro) central da narrativa” (FIORIN, 2006, p. 31) este, encontra-se ligado ao sujeito mulher que passa do estado de disjunção para o estado de conjunção com o seu objeto-valor, ou seja, recupera sua identidade quando “vira a mesa/ assume o jogo/ faz questão de se cuidar/ nem serve/ nem objeto/ já não quer ser o outro/ hoje ela é Um também”.

O percurso da sanção, último do percurso narrativo, no qual, segundo Fiorin (2006, p. 31), “ocorre a constatação de que a performance se realizou e, por conseguinte, o reconhecimento do sujeito que operou a transformação”. Na narrativa *Desconstruindo Amélia*, é visto a sanção quando o sujeito feminino apresenta uma positividade em relação a sua identidade, julgando-a ser essencial na composição da estrutura social pois, ela “tem talento de equilibrista, ela é muita se você quer saber. Hoje aos 30 é melhor que aos 18, nem Balzac poderia prever, depois do lar, do trabalho e dos filhos, ainda vai pra *night* ferver. ”. A sanção é positiva pois, a mulher ao entender-se mulher competente para transformar a sua situação social, realiza tal performance.

Em última etapa do nível narrativo, encontra-se uma análise das paixões que Greimas e Fontanille (1993, p. 21) expressam que

As paixões aparecem no discurso como portadoras de efeitos de sentido muito particulares; ele exala como que um cheiro confuso, difícil de determinar. A interpretação que a semiótica reteve é que esse perfume específico emana da organização discursiva das estruturas modais. Passando de uma metáfora a outra, poder-se-ia dizer que esse efeito de sentido provém de certo arranjo molecular: não sendo propriedade de nenhuma molécula em particular, ele resulta de sua disposição do todo. Uma primeira constatação impõem-se: a sensibilização passional do discurso e sua modalização narrativa são co-ocorrentes, não se compreendem uma sem a outra, e, no entanto, são autônomas, submissas provavelmente, aos menos em parte, a lógicas diferentes.

A cargo das paixões, fica visível que a modalização atualizante é consubstanciada no poder-fazer, que se estrutura no quadrado semiótico como:



Fonte: Barros, 2002, p. 63.

Dessa forma, entende-se que o sujeito busca não somente alcançar a liberdade, mas, constituir-se como um ser independente. Porquanto, o enredo que move o texto consagra-se pelo desejo que a mulher tem de poder-não-fazer os trabalhos domésticos por obrigação e, poder-fazer por escolha própria aquilo que desperta o seu prazer ou advém de suas necessidades.

As paixões diferem-se em *simples* e *complexas*, entretanto, no enredo da canção *Desconstruindo Amélia* é abordado somente as paixões simples, que surgem das modalizações pelo querer-ser devido este efeito de sentido contemplar o *desejo*.

O desejo, consignado às paixões expressam o querer entrar em conjunção com o objeto-valor, ou seja, a mulher aspira a liberdade social, que julga alforriá-la dos mandamentos paternos e ulterior, torná-la independente para fazer aquilo que considere importante para sua construção de mulher ativa.

4. O COMPLEXO E O CONCRETO NA DESCONSTRUÇÃO: NÍVEL

DISCURSIVO

Em rememora, a teoria Semiótica Greimasiana é caracterizado pelo percurso gerativo de sentido, que se respalda em estruturas compostas pelos níveis mais simples aos complexos. Destarte, analisa-se agora a letra da música pelo nível discursivo.

Como descrito por Barros (2005, p.53)

[...] O nível discursivo é o patamar mais superficial do percurso, o mais próximo da manifestação textual. Pela própria definição do percurso gerativo, as estruturas discursivas são mais específicas, mas também mais complexas e “enriquecidas” semanticamente, que as estruturas narrativas e as fundamentais. Pelo exame da sintaxe e da semântica do discurso, serão explicadas a especificidade e a complexidade das organizações discursivas.

O ponto a ser analisado em termos de sintaxe, para Barros (2005), são as projeções da enunciação que abrangem a operação denominada *desembreagem* que, por sua vez utilizam-se das categorias da pessoa, do espaço e do tempo. E os mecanismos que auxiliam no convencimento da verdade: *proximidade* ou *distanciamento* e *realidade* ou *referente*.

Na estrutura discursiva da letra da canção, é perceptível apenas o efeito de distanciamento pois, o texto foi gerado em terceira pessoa vistos pelos pronomes: pessoal, oblíquo e demonstrativo: “Filho dorme **ela** arruma o uniforme/ O ensejo **a** fez tão prendada/ **Ela** foi educada pra cuidar e servir/ De costume esquecia-se **dela**”; no tempo do “então” já que há verbos conjugados no pretérito perfeito “fez” e “foi”, e no presente do indicativo “assume”, com efeito de tempo que se conserva: “O ensejo a **fez** tão prendada/ Ela **foi** educada pra cuidar e servir/ **Assume** o jogo”; e no espaço do “lá” é observado a presença de uma rotina de afazeres diários que mesclam entre espaços dessemelhantes: “Depois do **lar**, do **trabalho** e dos **filhos**/ Ainda vai pra **night**ferver”. Todo esse procedimento intitula-se *desembreagem enunciativa*.

O efeito de realidade ou de referente busca mostrar os fatos no discurso de forma que se considere verdadeiro, tentando fazer uma cópia do real. Neste caso, um recurso de origem semântica que possibilita a criação desses efeitos verídicos é a *ancoragem*, que na visão de Oliver (2013, p. 146), “ata os discursos às pessoas, espaços e datas que o receptor reconhece como reais ou existentes, criando assim um simulacro”. O que pode ser percebido em fragmentos da canção:

Filho dorme ela arruma o uniforme
 (...)
 Já não quer ser o **outro**
 Hoje ela é **um** também
 (...)
 A despeito de tanto **mestrado**
 Ganha menos que o **namorado**
 E não entende porque
 Tem talento de equilibrista
 Ela é muito se você quer saber
 Hoje aos 30 é melhor que aos 18
 Nem **Balzac** poderia prever
 Depois do **lar**, do
trabalho e dos
 filhos
 Ainda vai pra night
 ferver...

Em que “filho”, “outro”, “um”, “mestrado”, “namorado”, “Balzac”, “lar” e “trabalho”, ancoram o texto com a finalidade de produzir a ilusão de referente e, a partir disso, o receptor toma tal história como fato verídico. O “filho” expressa a responsabilidade existente na vida das mulheres/mães. O “outro” e “um” faz uma referência implícita a Simone de Beauvoir, autora feminista francesa. “Mestrado” caracteriza o espaço escolar e a luta por uma educação igualitária.

“Namorado” o mantimento do cavalheirismo masculino apesar de se lutar contra o preconceito sexual. “Balzac” alude ao escritor Honoré de Balzac, autor do livro *A mulher de Trinta Anos*. “Lar” espaço em que a mulher habita por anos e por conseguinte, luta para se desprender e “trabalho” como estímulo para a luta por independência feminina.

Na semântica discursiva, encontra-se os percursos figurativos e os temáticos que de acordo com Fiorin (2006, p. 91)

[...] Os primeiros criam um efeito de realidade, pois constroem um simulacro da realidade, representando, dessa forma, um mundo; os segundos procuram explicar a realidade, classificam e ordenam a realidade significante, estabelecendo relações e dependências. Os discursos têm uma função descritiva ou representativa, enquanto os temáticos têm uma função predicativa ou interpretativa. Aqueles são feitos para simular o mundo; estes, para explicá-lo.

No texto em análise, podemos identificar várias leituras temáticas: 1. Obrigações uxoriânicas; 2. Cultura; 3. Comodismo; 4. Revolta; 5. Igualdade; 6. Desigualdade Salarial; 7. Polivalência e 8. Autoestima.

Os temas expostos acima concretizam-se por meio de figuras que apartam a repressão social da liberdade social.

1. As *obrigações uxoriânicas* podem ser observadas na figura da mulher/esposa, que apesar de já passada a hora de se recolher para dormir, tende a preocupar-se com a ordem da casa e, sobretudo, com o bem-estar do filho, gerando assim uma obrigatoriedade com os cuidados domésticos e familiares visto que, desde os primórdios a honra da mulher dependia do modo com que ela tomava conta da casa.
2. A *Cultura* vincula-se à figura da sociedade, dos costumes e da prenda doméstica, pois, a educação familiar como partícula cultural.
3. O *Comodismo* observa-se na ação de disfarçar e sempre seguir em frente não havendo ânimo para que se possa lutar para mudar o quadro repressivo social que se estabeleceu no sexo feminino.
4. A *Revolta* é figurativizada por uma mulher que repentinamente resolve se auto mudar e assumir novos rumos para sua vida, procurando autoafirmar a sua identidade a partir de suas predileções e atitudes.
5. A *Igualdade* é observada na figura da mulher que não deseja ser mais o *Outro*, ou seja, o sujeito frágil, submisso e necessitado de proteção constante. Mas, o *Um*, aquele que busca a sua essência e procura

consolidar-se no alto patamar que a história concebeu exclusivamente ao homem.

6. A *Desigualdadesalarial* concretiza-se na figura da sociedade, do mestrado e no “ganhar” menos que o namorado.
7. A *Polivalência*, composição de multifunções realizadas pela mulher, encontra-se na figura de equilibrista, da cuidadora do lar, da trabalhadora comercial e zeladora dos filhos.
8. A *Autoestima* está figurativizada na questão da mulher se cuidar, em contraposição, ao costume de sempre esquecer-se dela. Apresenta-se um sujeito determinado, sensual e envolvente que vira a mesa e apropria-se das rédeas de sua própria vida afim de mostrar o seu valor universal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da letra da canção *Desconstruindo Amélia* à luz da Teoria Semiótica Greimasiana, esboçou por meio das três etapas do percurso gerativo de sentido, a batalha persistente da mulher em busca de sua liberdade social, bem como, a consolidação de sua identidade em meio a uma sociedade repressora cujo alicerce tem fundamentos em preceitos falocêntricos.

No decorrer do percurso a Amélia, antes estagnada em uma vida servil, torna-se o sujeito que rege o seu destino, transformando sua existência e assumindo valores outrora inexistentes e, por conseguinte, apossa-se do objeto que tanto almejava – liberdade social. Os traços semânticos que foram constatados nas tematizações e figurativizações possibilitaram uma leitura dos temas: obrigações uxorianas, desigualdade salarial entre outros, que se concretizaram nas figuras: mulher/esposa, sociedade entre outros.

Diante disso, considera-se que a leitura dos diversos discursos vinculados ao texto só foi possível pelo fato da Semiótica Greimasiana preocupar-se com o texto como um todo, transpassando a ideia tradicional de que o texto é apenas um aglomerado de frases, observando-o tanto em seus aspectos internos como o seu contexto sócio-histórico-cultural.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 2005.
- _____. *Teoria do Discurso: fundamentos semióticos*. 3.ed. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2002.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: fatos e Mitos*. Obra digitalizada, 4ª ed. SP: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BELTRÁN, Alina Barojas. *Cidadania e Feminismo: feminismo e teoria, identidade pública/privada*. São Paulo: Cia. Melhoramentos, [s.d.].
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 14, ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das Paixões*. Editora Ática, 1993.
- GREIMAS, A. J; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- HALL, Stuart. *A identidade em questão*. In: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. RJ: DP&A, 2006, p. 07-23.
- OLIVER, Camila. *Se tu falas muitas palavras sutis: A Teoria semiótica Greimasiana*. In: *Chico Buarque: o tempo, os temas e as figuras*. Curitiba: Appris, 2013, p. 89-141.
- PITTY. *Entrevista concedida ao programa Ensaio*. 21 nov. 2009. TV Cultura. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DgpcM1WaIgw>>. Acesso em: 30 Abr. 2016.
- PITTY; MENDONÇA, Martin. *Desconstruindo Amélia*. In: *Chiaroscuro*. Faixa 7. Prod. Rafael Ramos. São Paulo: Deckdisc, 2009.
- TELLES, Lygia Fagundes. *Mulher, Mulheres*. In: *PRIORE, Mary Del. (org.) História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 669-672.